

Os Compositores

03/10/99

Na música de câmara Mozart tratou o trio em sua fase juvenil mas a ele voltou nos últimos anos, amadurecido e com a convicção da perfeita igualdade e da igual responsabilidade temática dos três instrumentos.

De fato, o trio nasceu nas mãos de Haydn como transformação da sonata a três barroca, alcançando notável desenvolvimento parcialmente preso a função dos três instrumentos. No barroco, sendo a melodia principal confiada em sua máxima parte ao violino, firmando o violoncelo o baixo contínuo e



cabendo ao piano às vezes a realização harmônica do baixo, às vezes um diálogo contrapontístico com o violino.

Nas mãos de Mozart esse esquema modifica-se completamente, adquirindo o violoncelo plena independência técnica e expressiva e ampliando-se a sonoridade do piano do mero preenchimento harmônico para uma busca de protagonismo e profundidade sonora. Nesse sentido o trio com Mozart torna-se verdadeiramente moderno, preparando o que será a glória dos trios de Beethoven. Isto é bem sensível no Trio em Si Bemol Maior K-501, cuja composição remonta ao

ano de 1786, plena maturidade mozartiana e início daquele último período tão contextualizado de pesquisas harmônicas e de emotividade sonora, ora dirigida para as meditações melódicas do “Sturn und drang”, ora dirigida para aquelas aspirações de retorno ao campo, as vozes populares e a música de diversão da qual falamos na semana passada .

Do ponto de vista formal, a coisa mais singular desse Trio em Si Bemol Maior K-502 é a estrutura do primeiro andamento, o qual se afasta da já tradicional forma sonata para amoldar-se numa unidade temática, desprovida de uma segunda idéia e interrompida apenas

por uma idéia nova que toma o lugar do desenvolvimento. Outra característica do primeiro andamento é o aproveitamento do piano, que as vezes aparece quase com o aspecto de instrumento solista acompanhado. O segundo andamento prima pela riqueza da busca harmônica, orientada para modulações cromáticas inarmônicas antecipadoras das sutilezas harmônicas de um Schubert ou de um Schopin. Note-se principalmente um fragmento em que o violoncelo dirige as modulações saindo de um pedal de mi bemol para caminhos inarmônicos.

Depois das leves sombras emotivas do segundo andamento,

não é estranho as sugestões pré-românticas, o terceiro andamento retorna à atmosfera serena que já havia marcado o primeiro. Aqui ressurge a forma sonata integrada na forma rondo naquele tipo de rondo-sonata do qual já falamos e que será marcante em Beethoven e nos românticos.

Vamos ouvir então o Trio em Si Bemol Maior K-502 de Wolfgang Amadeus Mozart em seus três andamentos a saber, allegro, larghetto e allegretto. Tocam três monstros sagrados da música de câmara no imediato após guerra, isto é, o violinista Jean Fournier, o violoncelista Antonio Janigro e o pianista Paul Badura-Skoda.

Música (15 minutos)

Trio K-502

Disco: 01 Lado: A

Faixas: 01 a 03

Retomando o caminho dos Retratos Étnicos Musicais, paramos hoje na Noruega de Edvard Grieg, com o seu famoso Concerto para Piano e Orquestra. Esse concerto tem uma história interessante. Numa certa altura chegou as mãos de Liszt a partitura da Sonata para Violino e Piano de Grieg. O velho mestre tanto se entusiasmou que escreveu a Grieg convidando-o para ser seu discípulo em Roma e o prestígio lisztiano fez com que o governo

norueguês concedesse a Grieg uma bolsa de estudos a fim de que ele pudesse arcar com as despesas da viagem.

Grieg chegou em Roma e se apresentou a Liszt com vários manuscritos ainda inéditos entre os quais justamente o Concerto para Piano e Orquestra. Liszt, depois de ler o concerto a primeira vista encorajou Grieg a lançar a obra e lhe preconizou um grande futuro.

O concerto foi executado em primeira audição em Copenhague a 03 de Abril de 1869 pelo pianista norueguês Leopard, o qual logo relatou ao compositor o extraordinário sucesso, compartilhado por críticos e

músicos de alto renome, entre os quais Anton Rubinstein um dos papas do pianismo no século. Parece que o sucesso começou desde a cadência do primeiro andamento que foi aplaudida.

Poderão me perguntar qual a relação entre um concerto de piano e o retrato musical de uma etnia como a norueguesa. O fato é que o concerto é repleto do espírito do folclore norueguês, no melhor sentido da palavra, isto é, não por banais citações de temas folclóricos mas pela recriação de um ambiente melódico e harmônico que só pode ser norueguês : algo parecido com o que Villa Lobos soube fazer com o folclore brasileiro. Com esse

concerto Grieg, que iria cantar as tradições da sua terra com as músicas para o Peer Gynt do seu grande concidadão Ibsen quis homenagear a Noruega em seus ritmos, em seus cantos, principalmente no primeiro e no terceiro andamento, enquanto o segundo andamento é rico de contida emoção e de intensos efeitos sonoros, como uma reflexão ou uma nostalgia “ante literum” da sua bela pátria nórdica.

Vamos ouvir então o Concerto de Grieg em La Menor para Piano e Orquestra com o pianista Van Cliburn e a Orquestra Filarmônica de Filadélfia regida por Eugene Ormandy.

Música (29:33”)

Concerto em La Menor

Disco: 02 Faixas:04 a 06